

Subsídios metodológicos na construção de uma “acessibilidade plena”: a produção da identidade e da subjetividade de pessoas com deficiência

Regina Cohen¹

Cristiane Rose de S. Duarte²

1. Introdução

Este trabalho tem por base um projeto de pesquisa interdisciplinar sobre acessibilidade desenvolvido no âmbito do Núcleo Pró-acesso da UFRJ. O enfoque está na questão da sensorialidade e do afeto para a construção da identidade e subjetividade em espaços dessa natureza.

O acesso é um direito de todos, devendo o gestor e planejador conhecer a diversidade de experiências física, sensorial e emocional das pessoas com deficiência nos espaços. Considera-se aqui a “acessibilidade plena”,³ abordagem que temos adotado em nossas investigações e que vai muito mais além de uma simples visão cartesiana que só leva em conta o acesso físico, não considerando a multissensorialidade que envolve a deficiência visual: o “ver e não ver”. Por essa razão, trabalhando com a função social dos espaços, entendemos que o planejamento deve primar pela relação dinâmica que se estabelece entre o espaço e o observador, que estará se enriquecendo a partir das constantes mudanças nos significados e da essência de uma ambiência a ser compartilhada. Nesse sentido, a maneira como as informações são fornecidas aos visitantes assume uma importância fundamental. Estabelecendo-se a comunicação, favorecem-se as trocas e a transmissão de conhecimento levando aquele lugar a cumprir sua função de forma plena.

Mas a comunicação não é feita apenas por meio da visão ou da audição. Muito além dos sentidos, a eficiência na transmissão do conhecimento passa, inevitavelmente, pelo afeto e pela empatia. Assim, uma ambiência adequada favorecerá e até fomentará sentimentos afetivos e motivações necessários à plenitude dessa imersão na cidade. Dependendo de suas características, as ambiências podem favorecer a identidade do sujeito, sua subjetividade e sua emoção, possibilitando a transformação do espaço em lugar provido de afeto.

A pesquisa que deu origem a este artigo traz os resultados de ferramentas metodológicas desenvolvidas por vários pesquisadores. Utilizaram-se princípios e recomendações de acessibilidade desenvolvidos nessas pesquisas e nas normas brasileiras, adotando uma abordagem multimétodos que envolve o cruzamento de tabelas com levantamentos fotográficos, mapeamento e análise de percursos definidos a partir do entorno urbano até o interior de uma edificação.

Torna-se necessário, assim, delinear, antes, alguns conceitos para podermos desenvolver as questões aqui apresentadas.⁴

2. Abordagem conceitual

2.1. O conceito de “acessibilidade plena” adotado

O conceito de *acessibilidade plena* parte do princípio de que apenas uma boa acessibilidade física não é suficiente para que o espaço possa ser compreendido e *de fato* usufruído por todos. A acessibilidade plena significa considerar mais do que apenas a acessibilidade em sua vertente física e prima pela adoção de aspectos emocionais, afetivos e intelectuais indispensáveis para gerar a capacidade do lugar de acolher seus visitantes e criar aptidão no local para desenvolver empatia e afeto em seus usuários. (DUARTE; COHEN, 2012)

Muito além de considerar a acessibilidade apenas em sua vertente aos espaços físicos, esta pesquisa adota uma conceituação mais ampla, plena e universal, vinculada a outros aspectos fundamentais, que estão relacionados com elementos intelectuais e emocionais (COHEN, 2006), levando também em conta a acessibilidade à informação, assim como a função de transmissão de conhecimento e informação inerente ao espaço.

Ressalta-se, em especial, que o planejamento de uma “acessibilidade plena” significa muito mais do que um conjunto de medidas que favoreceriam apenas as pessoas com deficiência, levando mesmo à exclusão espacial desses grupos como resultado de soluções exclusivas.

2.2. O significado de ambiência

Uma ambiência pode ser entendida pela apreensão pelos sentidos de uma pessoa situada em determinado ambiente (o quente e o frio, o ver e o não ver, os sons que nele se produzem, os cheiros, a dinâmica dos corpos que nele transitam), mas envolve também a carga emocional que dele emana. Para o pesquisador Jean-François Augoyard (2004), o

conceito de ambiência é fácil de sentir, mas difícil de explicar. Por possuir um fundo sensível, a ambiência, para ser explicada, perde um pouco da objetividade tão necessária ao rigor científico.

Ambiências reúnem um “pacote” constituído do lugar e de suas características sensíveis e emocionais (DUARTE et al., 2007, 2008). Para Amphoux (2004, p. 51), a ambiência possibilita a passagem da dimensão sensível para a cognitiva e permite torná-la agradável por sua capacidade de ser reconhecida.

2.3. Ambiências – sentidos, sensações, memória e identidade

A memória está vinculada à nossa consciência de tempo e espaço – passado, presente, futuro –, onde criamos identidades e referências e nos situamos no mundo; é ela que possibilita o exercício individual e coletivo do sentimento de pertencimento. Ao falarmos em memória, estamos falando também de afetos, sensações, percepções e experiências. (NASCIMENTO JR., 2007)

Essas considerações nos auxiliam na fundamentação teórica deste artigo. A consciência de um tempo e de um espaço diferenciado na percepção das ambiências, de uma forma geral, e dos espaços, em particular, é fundamental para o resgate da memória na experiência que as pessoas com deficiência procuram quando visitam um lugar.

Afinal, no acesso igualitário, quando todos têm suas diferentes necessidades especiais e espaciais, as pessoas criam vínculos e referências culturais, construindo suas identidades e sentindo-se parte da urbe e de suas exposições, quando essas mesmas ambiências são acessíveis. Isso significa igualmente considerar sentimentos de afeto e sensações de prazer que se podem estabelecer com percepções e experiências satisfatórias em ambiências que acolhem todas as pessoas.

Os conceitos de sentidos, sensações, memória, identidade e apropriação são muitos para serem agrupados em um único item deste artigo, mas só poderão ser verdadeiramente compreendidos quando forem abordados conjuntamente. Para esse entendimento, será necessário falar um pouco de cada um deles para que fiquem claros na elaboração mais ampla que desejamos fazer da noção de “ambiência”.

Com relação aos *sentidos*, podemos dizer que a inter-relação entre eles está presente de forma marcante na experiência urbana que as pessoas com deficiência desejam como satisfatórias. Um movimento um pouco mais lento ao percorrer um espaço em cadeira de rodas, uma mobilidade reduzida de um idoso para subir uma escada ou caminhar por uma pavimentação irregular e outros muitos fatores influenciam a cinestesia dessas pessoas.

Por outro lado, aqueles com deficiência de visão se utilizam muito do tato, do cheiro e do som para se situarem em um museu, tocarem em esculturas, maquetes ou obras táteis e sentirem o odor de uma flor no jardim.

Para as pessoas com deficiência auditiva, o toque, juntamente com uma sinalização visual eficaz, também pode ser muito importante em sua percepção ambiental, sem desconsiderar que a comunicação pela linguagem de sinais com profissionais devidamente treinados pode influenciar significativamente sua experiência.

No que diz respeito às *sensações*, nenhuma reflexão acadêmica conseguirá revelar o que significam o prazer e o afeto que conseguimos sentir quando conquistamos uma ambiência, quando nos sentimos acolhidos e fazendo parte de um contexto igualitário no desfrute de determinado ambiente e daquilo que ele contém.

Já determinados locais e seu conteúdo adquiriram uma importância fundamental nas sociedades contemporâneas por se constituírem em guardiões da *memória* cultural de uma comunidade com suas próprias características. Magalhães acrescenta que esse novo foco, em muitos ambientes, evidencia identidades particulares sempre únicas e diferentes, “em contextos novos de deslocação espacial e temporal”.

Podemos perceber que os dois conceitos acabam por se cruzar, apoiando-se um no outro. As ambiências expressam a face material de identidades que se consolidaram ao longo de processos históricos e são expressões de processos familiares ao cidadão, que se reconhece neles, fazendo com que a memória e a identidade sejam sempre interdependentes.

3. Construindo laços afetivos e a subjetividade do ser com deficiência

A construção de laços afetivos com uma ambiência, muito estudada na psicologia ambiental, tem contribuído para a compreensão de significados nas relações pessoa-

ambiente com base em sentimentos gerados pela subjetividade conquistada e pela experiência espacial.

Neste trabalho, a subjetividade é entendida como o espaço de encontro do indivíduo com o mundo social e “museal”, resultando tanto em traços particulares na formação do indivíduo quanto na aquisição de crenças e valores compartilhados na dimensão cultural que vão constituir a experiência histórica e coletiva dos grupos e das populações (ABBAGNANO, 1998).

Nesse sentido, a subjetividade significa o mundo interno que se apresenta ao mundo externo de todo e qualquer ser humano. Esse mundo interno, segundo Ethel Santana (2010), constitui-se em emoções, sentimentos e pensamentos. Assim, ter “afeto pelo lugar” representa experienciar impulsos nas ambiências para uma ação que leva a um sentimento de apropriação. Ser afetado por um lugar significa também viver memórias afetivas relacionadas com momentos dessa experiência. Afetar-se por um lugar passa a fazer parte de uma subjetiva experiência sensorial e emocional. As pesquisas desenvolvidas no grupo Lasc/UFRJ⁵ têm comprovado que algumas ambiências motivam sentimentos de afeto de forma muito mais imediata do que outras, em razão das características sensoriais mais propícias para desencadear memórias afetivas encobertas na subjetividade de cada pessoa.

Por meio da subjetividade da pessoa com deficiência, ela constrói um espaço relacional, ou seja, relaciona-se com o “Eu” ou com o “Outro” e toma noção do *corpus* físico que pode se relacionar com o espaço de forma interativa e não individualizada.

4. Identidade e subjetividade de pessoas com deficiência

Ambiências, quando acessíveis, conseguem expressar as identidades das pessoas com deficiência, oferecendo elementos familiares ao usuário, que se reconhece nelas usando seus próprios sentidos de maneira interdependente. Segundo Magalhães (2005), essa configuração estabelecida, evidencia identidades particulares sempre únicas e diferentes, “em contextos novos de deslocação espacial e temporal” (p. 11). Nas sociedades contemporâneas, a evolução do conceito de inclusão e de acessibilidade para todos trouxe à luz novas formas de apropriação dos espaços.

À medida que penetramos nossos corpos em ambiências que possibilitam a percepção por meio de todos os sentidos, tornamo-nos capazes de apreender e despertar o processo de reflexão sobre o que é transmitido. Assim, a cinestesia se une ao processo cognitivo, favorecendo o conhecimento não apenas por meio da visão, ou da audição, mas por todas as possíveis trocas emocionais com o ambiente.

Com base em resultados de alguns trabalhos recentes (COHEN; DUARTE, 2000, 2007), pode-se afirmar que o espaço que não é capaz de acolher a todos é um espaço deficiente. Da mesma forma, sustentamos que uma ambiência que não é capaz de garantir a identidade e a subjetividade, de proporcionar aprendizado, informação e reflexão a todos os cidadãos é uma ambiência deficiente (COHEN; DUARTE; BRASILEIRO, 2009, 2010a, 2010b, 2011). Com isso, estamos afirmando que algumas ambiências são deficientes, por não permitirem a motricidade e a mobilidade de pessoas com deficiência ou não proporcionarem uma experiência satisfatória a algumas pessoas com deficiência física, sensorial ou intelectual ou a pessoas com mobilidade reduzida.

5. Abordagem multimétodos e o envolvimento da pessoa com deficiência na pesquisa

5.1. Reconhecendo a ambiência

Durante toda a pesquisa, tornou-se evidente e necessário um levantamento prévio do lugar que ia ser pesquisado para o reconhecimento do quadro de acessibilidade que iríamos encontrar. Definimos uma metodologia que foi sendo constantemente testada e aperfeiçoada, fizemos roteiros dos locais a serem pesquisados no estado do Rio de Janeiro e dos percursos a serem efetuados em cada uma das ambiências.

Marcávamos com o responsável pelo espaço, com o arquiteto e outros funcionários e, quando chegávamos, nos reuníamos em um lugar reservado para conversar e saber das perspectivas da instituição com relação à adaptação de suas instalações.

Nosso próprio percurso com bolsistas estudantes do Núcleo Pró-acesso, da UFRJ, ajudava a entender a dinâmica de funcionamento daquela ambiência específica, encontrando e confrontando previamente esses diferentes olhares especializados e os discursos com eles relacionados.

Esse reconhecimento foi fundamental antes dos percursos comentados e da perspectiva do visitante com deficiência.

5.2. Percursos comentados

Após o reconhecimento das características e condições de acessibilidade da ambiência pesquisada, passamos a incorporar em nossa metodologia o “percurso comentado”. Fizemos uma parceria com o Grupo Rompendo Barreiras, da Uerj, que organizava um grupo de pessoas com deficiência para fazer o percurso, após o reconhecimento de campo.

Acompanhávamos essas trajetórias com o auxílio de funcionários conhecedores do local. Íamos também orientando em certos passos a serem dados para guiar o grupo e poder passar o maior número possível de informações. Encerrado o percurso comentado, procurávamos um lugar bem tranquilo, onde podíamos colher e gravar os depoimentos das experiências vividas e da percepção que tiveram daquela ambiência que percorreram.



Figura 1. Percurso comentado e orientado.



Figura 2. Comunicação na Língua Brasileira de Sinais (Libras) no “percurso comentado”.



Figura 3. “Percurso comentado” com uma pessoa com deficiência visual ao Museu Casa da Hera, em Vassouras.

5.3. Elaboração e aplicações de tabelas e *checklists*

Como parte das ferramentas metodológicas, foram desenvolvidos tabelas e formulários de investigação com informações quantitativas das condições físicas de acessibilidade aos espaços. Na análise de importantes aspectos da mobilidade, foram levados em consideração os elementos que garantem: o *acesso*, o *deslocamento*, a *utilização*, a *permanência*, o *manuseio* e a *informação com segurança, independência e autonomia*, conforme previsto na Norma Brasileira de Acessibilidade (NBR) 9050, da ABNT.

5.3.1. Tabela de descrição das rotas

Um dos instrumentos que se mostraram bastante eficazes foi a tabela de descrição das rotas. Nessa tabela, são eleitos percursos simples e viáveis, descritos em sua continuidade para a verificação das rotas acessíveis. Os percursos são numerados para serem acompanhados por meio de mapas esquemáticos (plantas baixas da edificação com o percurso assinalado). Tal instrumento se mostrou útil por revelar a real situação de percursos, uma vez que há muitas vezes locais com facilidades de acesso, mas sem oferecer uma rota realmente acessível entre o ponto de origem e o do destino, inviabilizando a autonomia do usuário.

5.4. Entrevistando e colhendo depoimentos dos usuários

Após o “percurso comentado”, entrevistávamos as pessoas com deficiência que haviam participado da experiência. Por meio de seus discursos, depoimentos e narrativas, elas iam recordando, pela memória, como foi a vivência dos espaços, buscando também algumas explicações para suas sensações e percepções de acordo com o contexto percorrido e a visita orientada.

As entrevistas foram feitas após os percursos e envolveram as seguintes questões: possibilidade de distinguir os lugares percorridos em função de ambientes, acontecimentos mais marcantes por ocasião do caminho, conhecimento e ocasiões de participação do quarteirão, avaliação da experiência, informações pessoais (idade, profissão, local de moradia).

O acompanhamento dos percursos e todas as observações colocadas nas entrevistas possibilitaram a compreensão fenomenológica dos deslocamentos efetuados pelas pessoas com deficiência e de sua acessibilidade motora e social.

Mas, como se trata de uma investigação acerca do caminhar, do perceber e do descrever, foram adotados outros recursos, como a documentação fotográfica, entrevistas com gestores e a observação etnográfica.



Figura 4. Entrevista com a mãe de uma menina com deficiência auditiva no Museu Nacional.



Figura 5. Entrevista com uma pessoa com deficiência visual no Museu de Arte de Cabo Frio.



Figura 6. Entrevista com uma pessoa com deficiência visual no Museu Casa da Hera de Vassouras.

5.5. Entrevistando os gestores e responsáveis



Figura 7. Entrevista e depoimento do diretor dos museus de Paraty.



Figura 8. Entrevista com a diretora do Museu de Arte Sacra de Cabo Frio.



Figura 9. Entrevista com a arte-educadora do Instituto Brennand, em Recife.

O que eu tenho a dizer é que é uma relação de fato muito delicada, porque determinadas intervenções nas edificações acabam descaracterizando de uma maneira ou de outra o monumento. É obvio que existem soluções, as mais diversas possíveis, mas o que acontece é que há uma legislação que é conflituosa que é a relação de uma lei que obriga a ter cuidados especiais com o prédio por conta do tombamento. (M. V. G. J., arquiteto de Cabo Frio)

5.6. Observando e participando da experiência

Uma das ferramentas metodológicas de pesquisa na antropologia é a “observação participante”, quando passamos a nos envolver com o grupo investigado, compartilhando suas experiências, percepções e vivências. Para este estudo da “acessibilidade às ambiências” não foi diferente, e tivemos de mergulhar nos “percursos comentados” que eram feitos com as pessoas com deficiência. Isso ocorria desde a fase inicial de nosso reconhecimento de campo, de nossa conversa com os gestores ou do recebimento de depoimentos pela internet. Nessa etapa, apenas imaginávamos e antecipávamos

virtualmente ou em nossa memória o que iria ou poderia acontecer quando do percurso de nossos usuários com deficiência.

Quando eles chegavam e ainda na fase de explicação da dinâmica que iria ocorrer, já podíamos antecipar a ansiedade de todos. Lentamente, quando iniciávamos o percurso acompanhado e comentado, à medida que íamos mergulhando na interação com nossos sujeitos, conseguíamos observar e efetivamente participar melhor de sua experiência. Cabe destacar que isso podia ocorrer de duas maneiras distintas: às vezes, o envolvimento, a familiaridade e o entrosamento com o grupo aconteciam gradativamente enquanto percorríamos as ambiências externas e internas; em outras vezes, a interação acontecia de forma instantânea, o grupo já iniciava coeso e compartilhando suas experiências.

Como pesquisadoras, nós observávamos as pessoas com deficiência percorrendo, mas de maneira natural acabávamos por nos envolver e participar da experiência de cada um, em particular, e de todo o grupo como forma de nos contextualizarmos na participação com o grupo, de modo a compreender melhor o que ia acontecendo e como as pessoas se sentiam no exercício de perceber o espaço.

6. Resultados de nossa pesquisa

Hoje, já conseguimos catalogar iniciativas que buscam estimular os diferentes sentidos simultaneamente, para a constituição de uma ambiência sensível.

Crescem no mundo todo as iniciativas realizadas nos espaços com atividades voltadas para pessoas com deficiência, convidando os visitantes a explorarem as formas e a textura, a percorrerem os espaços, a cheirar as plantas e flores de seu jardim, a tocarem algumas esculturas, a vivenciarem a estética e a arquitetura.

Em uma visita a uma exposição na Austrália, pude perceber e compreender melhor como o mundo das artes tem sido importante, fornecendo oportunidades para as pessoas com cegueira ou baixa visão expressarem a si próprias. Aprendi que Tilly Aston, um pioneiro da comunidade cega australiana, escreveu muitos poemas sobre sua falta de visão, enquanto o trabalho de Barbara Blackman é exuberante em seu desfrute da vida. Lloyd Rees, um dos artistas australianos mais amados, continuou a pintar quando lhe faltou a visão e nos deixou um legado de trabalho luminoso.

Ficou claro para nós, na Exposição “Vivendo em um mundo sensorial”, que essas pessoas cegas ou com baixa visão geralmente utilizam outros sentidos – cheiro, toque, audição e paladar – para enriquecer sua experiência do mundo. Algumas vezes, esses sentidos necessitam de treinamento especial para funcionar melhor, especialmente se a pessoa perde sua visão em uma idade avançada. O mais importante é o toque, que é a base para a leitura em Braille. Para pessoas com surdez/cegueira (como Helen Keller), o toque é a ponte para o conhecimento do mundo. Feche seus olhos e veja o que você pode aprender do mundo ao redor usando sua audição e o sentido do cheiro ou do toque (Powerhouse Museum – Exposição Living in a Sensory World – 19 de julho de 2009).

O depoimento de Mahony na exposição do Powerhouse Museum mostra como a qualidade emocional vivenciada em uma exposição predispõe o visitante ao aprendizado:

Utilizo o toque todos os dias. É uma coisa funcional para mim. Às vezes, é uma coisa amável tocar coisas que parecem agradáveis, mas frequentemente é como eu navego no mundo. O cheiro é a mesma coisa e absoluto, áudio também é fundamental. Nós devemos possuir algum sentido humano inato de desejar conhecer o máximo que podemos acerca do mundo ao nosso redor, tanto quanto se faltar uma de suas maneiras de fazer isto, você utiliza tudo o que você pode. (Catherine Mahony. *Tocando em coisas que parecem agradáveis*, 2008)



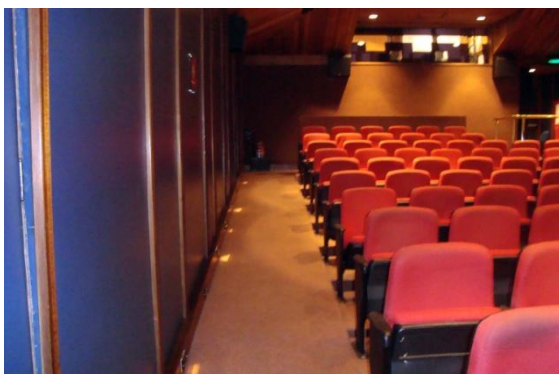
Figura 10. Museu Imperial de Petrópolis – práticas sensoriais para pessoas cegas.



Figura 11. Museu Imperial de Petrópolis – práticas sensoriais para pessoas cegas.

Já se pode perceber, no Brasil, a existência de ambiências que também buscam seguir essas perspectivas de uma acessibilidade cultural, sensorial e emocional.

A mostra de filmes “Assim vivemos”, realizada anualmente no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Brasília, promovida pelo Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), é outro evento que busca trazer novas perspectivas à questão da deficiência.⁶ Conta com a exibição de diversos filmes produzidos em países de todo o mundo, nos quais as pessoas com deficiência são protagonistas, tanto na tela quanto na direção ou na equipe de filmagem. Os auditórios ficam lotados durante toda a mostra (duas semanas), apresentando filmes com recursos de audiodescrição, legendas com *closed caption*, catálogos publicados em Braille, além de interpretação em Libras e salas de cinema acessíveis a pessoas com mobilidade reduzida, com uma organização de assentos correta e inclusiva e locais acessíveis para cadeirantes e cães-guia.



Figuras 12 e 13. Espaços acessíveis no CCBB-RJ.

Quando o deficiente visual Marco Antônio⁷ diz que viveu uma coisa especial e muito bonita no desfrute de uma “Mostra de vídeos sobre deficiência”, no CCBB, acreditamos que seu depoimento é suficiente para afirmarmos que nada substitui a satisfação dessa sensação ou o sentimento de pertença:

Estive lá no lançamento do festival “Assim vivemos”, no CCBB, e foi *uma das noites mais lindas de minha vida*. Voltei a assistir a um filme com autonomia, depois de 29 anos de cego e 21 de enxergar de forma comum. Eu tinha a sensação de estar no futuro. Inclusão para todos os lados: intérprete de Libras, audiodescrição, rampas, cinema totalmente acessível. Tive a mesma sensação que ao tocar nas esculturas da Pinacoteca de São Paulo, pois tocar em esculturas é proibido, mas lá, não. A emoção de “ver” novamente, de poder utilizar autonomamente meu corpo e minhas percepções para entender a realidade artística. Assim foi

na Pinacoteca, assim foi no lançamento do Festival de Cinema “Assim vivemos”. (Marco Antônio – MAQ. *Cegos, inclusão e acessibilidade*, 2007)

Outro exemplo é a experiência dos “Encontros multissensoriais”, organizada pelo Núcleo Experimental de Educação e Arte do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ) em parceria com o NUCC, da UFRJ, coordenado por Virgínia Kastrup. Vivências de pessoas videntes e pessoas cegas são compartilhadas na apreciação do entorno, da arquitetura e de algumas obras do museu, quando são exploradas “diferentes formas de ver e não ver, envolvendo não apenas a visão, mas também o tato, a audição, o olfato etc.” (Núcleo Experimental de Educação e Arte, MAM-RJ, 2011).



Figura 14. MAM-RJ – deficientes visuais tocando na arquitetura do museu.



Figura 15. MAM-RJ – pessoas cegas tocando em esculturas na área externa do museu.

O depoimento de Marco Antônio reforça o que mostramos anteriormente na fala de Catherine Mahony: a carga emocional que emana de ambas as declarações. Enquanto Marco Antônio enaltece a percepção como fator essencial para entender a realidade artística, Catherine pronuncia palavras como “amável” e “agradável”, relacionando sentimentos positivos com a vontade de conhecer mais.

Podemos também retomar o que foi dito antes sobre o afeto: os lugares afetam seus visitantes e recebem afeto de quem identificou neles algo que fez sua memória trabalhar, algo que o motivou, que gerou um impulso no sentido de absorver as informações.

O desencadear de sentimentos de afeto se inicia geralmente com a facilidade de acesso, de percurso. Marco Antônio parece maravilhado com a “autonomia” (*sic*) que lhe é dada ao chegar até a sala de projeção. Trata-se do primeiro contato do visitante com a arquitetura do

museu, dando um “recado” subliminar de boas-vindas que só poderia ser transmitido pela arquitetura. Logo depois, o visitante percebe, por meio dos recursos, as informações que lhe são transmitidas, fazendo-o imergir, com seus sentidos e seu corpo, no universo cultural concernido.

Mas essa busca de mudanças esbarra em uma série de problemas, e, em geral, a realidade é que nem sempre as mudanças são fáceis de ser concretizadas.

7. Considerações finais

Segundo Merleau-Ponty (1996), qualquer ação acontece sob um fundo do qual nosso corpo não se distingue. Precisamos considerar as condições que esse ambiente devolve para as pessoas com deficiência, de características tão fundamentais para que o corpo possa se mover.

Certamente, não podemos deixar de considerar as dificuldades próprias da pessoa e da motricidade do corpo com deficiência. Essas situações precisam ser examinadas em contexto. E o contexto aqui foi o de uma particularidade de percepção ambiental situada: o contexto das pessoas com deficiência.

Os depoimentos e as situações vividos por elas foram tão diversos quanto os possíveis percursos pela cidade. Além das peculiaridades de seu caminhar, também existe o fator tempo, em uma marcha mais lenta desse corpo em movimento que habita o espaço e o tempo.

Movimento, tempo, espaço e corpo combinaram-se para constituir a experiência do lugar e compuseram a percepção espacial das pessoas durante seus percursos ao que Merleau-Ponty chama de “experiência do corpo próprio”. Certas características podem ser analisadas do ponto de vista de uma particularidade no caminhar que demanda certas competências motoras. O logo ali, no espaço, pode não ser tão próximo e demandar um tempo maior para deslocamento.

Com todo o quadro metodológico e teórico aqui delineado, percebemos que as possibilidades desse corpo são condicionadas pelas características de seu ambiente sensível. Examinamos também o que certas ambiências oferecem para o percurso e movimento, para a identidade e subjetividade das pessoas com deficiência percorrendo os lugares.

Os conflitos aparecem na forma como a cidade foi vivida e nos sentimentos despertados ao percorrerem determinado espaço. Alguns sentimentos, como a falta de prazer em curtir determinado lugar, o medo, a angústia, a insegurança, a frustração ou o constrangimento, foram o que elas experimentaram. As barreiras foram mais importantes para orientar suas ações que as próprias características do meio. Elas responderam aos espaços percebidos, objetivos e reais ao percorrerem-nos.

A identificação com os lugares envolve a apropriação de algum significado para a experiência e faz parte de um conjunto de atividades, fenômenos e eventos que o meio possibilita. É esse espaço percebido e vivido de maneira positiva que cria todas as percepções, afetos, discursos e percursos possíveis.

8. Conclusões

Este artigo procurou mostrar diversas possibilidades de apreensão do espaço e fatores que interferem nas diferentes afetividades que as pessoas desenvolvem com relação aos ambientes.

Ambiências envolvem, primeiramente, uma experiência por meio de percursos que mobilizam o corpo deficiente e geram sentimentos e sensações que se estendem para além do simples acesso físico: incluem ver, ouvir, andar, tocar, cheirar ou, simplesmente, flunar e devanear. Dependendo de como se desenvolve o processo, ele é capaz de criar identidades e referências de nosso “eu” subjetivo no mundo.

Neste artigo, buscamos entender as diferentes experiências em ambiências que, ao reestruturarem o fornecimento de acolhimento, desencadeiam processos de identificação do sujeito com o meio, proporcionando afetos e impulsionando o aprendizado.

Entendemos que se torna decisivo levar em consideração a sensorialidade inerente aos espaços, que depende de características fundamentais para a acessibilidade na constituição de uma ambiência sensível e de sua vivência emocional e corporal.

Concluimos, assim, que o acesso não pode ser simplesmente compreendido como o fornecimento de um conjunto de medidas que favoreceriam apenas as pessoas com deficiência – o que poderia até aumentar a exclusão espacial e incentivar a segregação

desses grupos –, mas como o planejamento de medidas técnico-sociais que visem a facilitar o acesso de todos os visitantes em potencial (COHEN; DUARTE, 2000).

Acrescentamos alguns argumentos de caráter prático, mas que já se tornaram uma realidade em certos espaços: não se concebe, hoje em dia, o uso de uma ambiência sem que tenham sido adotadas medidas de conforto. Essas medidas interferem fisicamente no lugar, seja para seu próprio bem ou para o bem das pessoas que lá estão. Porém, ao não ser permitido o acesso universal e irrestrito, todas as outras intervenções acabam por se tornar inócuas, pois não contribuem, na prática, para um aumento da divulgação de um desenho e planejamento universal, como acontece com as intervenções destinadas à ampliação da acessibilidade.

NOTAS DE RODAPÉ

¹ Arquiteta, DSc. Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Eicos/IP/UFRJ), pesquisadora-associada no Departamento de Tecnologia da Construção, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (DTC/FAU/UFRJ) e coordenadora do Núcleo Pró-acesso (Proarq/FAU/UFRJ). *E-mail*: arquitetareginacohen@gmail.com

² Professora titular da FAU/UFRJ e coordenadora do Núcleo Pró-acesso (Proarq/FAU/UFRJ), DSc. Territorial Planning (Sorbonne – Université de Paris-I). *E-mail*: crduarte@ufrj.br

³ O conceito de “acessibilidade plena” (DUARTE; COHEN, 2012) foi desenvolvido por Cristiane Rose Duarte e Regina Cohen no âmbito das pesquisas e dos projetos desenvolvidos pelo Núcleo Pró-acesso da UFRJ (ver também, por exemplo: DUARTE; COHEN; BRASILEIRO; LIRA, 2013).

⁴ A pesquisa para o pós-doutorado desenvolvida por Cohen (2008) sob a supervisão da professora doutora Cristiane Rose de S. Duarte e pelo Núcleo Pró-acesso do Programa de Pós-graduação em Arquitetura (Proarq), da UFRJ, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro (Faperj), em conjunto com o Ibram e com a Superintendência Estadual de Museus, além de analisar o que já foi feito nessa matéria e o que se pode fazer no futuro, busca avançar da teoria e da pesquisa acadêmica para a prática de uma acessibilidade universal nessas instituições.

⁵ Laboratório “Arquitetura, Subjetividade e Cultura” do Proarq/UFRJ.

⁶ A mostra “Assim vivemos” de filmes sobre deficiência já está se estendendo para outras cidades do país.

⁷ Em depoimento coletado pelas autoras em 2007.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AMPHOUX, Pascal. Pour une recherche impliquée. In: AMPHOUX, Pascal; THIBAUD, Jean-Paul; CHELKOFF, Grégoire. **Ambiances en débat**. Bernin: À la Croisée, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 9050**: acessibilidade de pessoas com mobilidade reduzida às edificações, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2004.

AUGOYARD, Jean-François. Vers une esthétique des ambiances. In: AMPHOUX, Pascal; THIBAUD, Jean-Paul; CHELKOFF, Grégoire. **Ambiances en débat**. Bernin: À la Croisée, 2004. p. 7-30.

COHEN, Regina. **Acessibilidade de pessoas com deficiência às ambiências dos museus do estado do Rio de Janeiro**: ter acesso, percorrer, ver, ouvir, sentir e tocar. Projeto de Tese de Pós-doutoramento submetido à Faperj e vinculado ao Proarq/UFRJ, 2008.

_____. **Cidade, corpo e deficiência**: percursos e discursos possíveis na experiência urbana. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

_____; DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira. Acessibilidade como fator de construção do lugar. In: ORNSTEIN, Sheila W.; PRADO, A. R. A.; LOPES, M. E. (Org.). **Desenho universal**: caminhos da acessibilidade no Brasil. São Paulo: Annablume, 2010. p. 81-94.

_____; _____. A percepção ambiental de pessoas com dificuldades de locomoção: uma contribuição para projetos acessíveis visando a inclusão psicossocial no ambiente construído. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PSICOLOGIA E PROJETO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO. **Anais...** Rio de Janeiro, 2000.

_____; _____. Body, disability and the phenomenology of the perception on movement in the Brazilian city. Architecture and Phenomenology International Conference, 2007, Haifa. In: **Proceedings**. Haifa/Israel: Technion Press, 2007.

_____; _____. BRASILEIRO, Alice. Acessibilidade e sensorialidade nas ambiências museais brasileiras. In: II SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO EM MUSEOLOGIA NOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPANHOLA. O PENSAMENTO MUSEOLÓGICO CONTEMPORÂNEO. **Anais...** Buenos Aires: Comitê Internacional do Icom para a Museologia, 2011. p. 187-201.

_____; _____. Breve avaliação da acessibilidade de pessoas com deficiência aos museus do Iphan e do Ibram no estado do Rio de Janeiro. In: EXPOMUS (Org.). **Caderno de acessibilidade**: reflexões e experiências em exposições e museus. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2010a. p. 47-53.

_____; _____. Inclusion and accessibility of persons with disability in Brazil: senses and sensations in the access to patrimonial historical museums in the state of Rio de Janeiro. II International Conference on the Inclusive Museum, 2009, Brisbane. **The International Journal of the Inclusive Museum**, Melbourne: Common Ground Publishing Ply Ltd, v. 2, p. 65-83, 2009.

_____; _____. O acesso para todos à cultura e aos museus do Rio de Janeiro. In: I SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO EM MUSEOLOGIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA

PORTUGUESA E ESPANHOLA. **Actas...** Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Letras/Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2010b. p. 236-255.

DUARTE, Cristiane. Modelage du lieu, remodelage du regard de l'architecte. In: VILANOVA, R.; DUARTE, C. **Nouveaux regards sur l'habiter**. Paris: Le Manuscrit, 2012. p. 9-31.

_____; COHEN, R. **Acessibilidade e desenho universal**: fundamentação e revisão bibliográfica para pesquisas. Relatório Técnico do Núcleo Pró-acesso, 2012.

_____; _____. BRASILEIRO, A.; LIRA, E. Acessibilidade plena a museus: perspectivas de uma acessibilidade cultural, sensorial e emocional. In: V ENCONTRO NACIONAL DE ERGONOMIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO; V SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ACESSIBILIDADE INTEGRAL. **Anais...** Florianópolis/SC, 2013. Versão digital.

_____; _____. SANTANA, Ethel Pinheiro; PAULA, Katia Cristina Lopes de; UGLIONE, Paula. Exploiter les ambiances: dimensions et possibilités méthodologiques pour la recherche en architecture. In: COLÓQUIO FAIRE UNE AMBIANCE. **Anais...** Grenoble: Museu de Arte Contemporânea, 2008.

MAGALHÃES, Fernando. **Museus, património e identidade**. Porto: Profedições Ltda., 2005.

_____. Os museus: entre a pedagogia e a interpretação (um estudo de caso: o Museu de Alberto Sampaio). **Educação & Comunicação**, Leiria: Escola Superior de Educação, n. 8, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MUSEU DE ARTE MODERNA. **Encontros multissensoriais**. Rio de Janeiro: Núcleo Experimental de Educação e Arte e NUCC/UFRJ, 2011.

NASCIMENTO JR., José do. Antropologia e museus: revitalizando o diálogo. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (Org.). **Museus, coleções e patrimônios**: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond/Minc/Iphan/Demu, 2007.

NOVAES, Adauto (Org.). **O homem-máquina**: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

POWERHOUSE MUSEUM. **Exposição Living in a Sensory World**. Sydney/Austrália, 19 jul. 2009.

SANTANA, E. **Cidade-entre**: dimensões do sensível em arquitetura. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Proarq/FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. À procura da alma encantadora da cidade. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (Org.). **Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas.** Rio de Janeiro: Garamond/Minc/Iphan/Demu, 2007.